Programa Erasmus+ - “Mind Over Media”

Durante muito tempo achei que não gostava de pessoas. Achava-as demasiado complicadas, egoístas, difíceis de lidar. Sempre fui mais virada para aquilo que era mais concreto - números, o que é certo ou errado, factos. Mas com o tempo comecei a perceber que, afinal, o que mais me puxa são exatamente essas imperfeições, que outrora me incomodavam. Percebi que, afinal, o que mais me atrai é a parte que não entendo logo à primeira - as dúvidas, os medos, as diferenças - porque afinal, sem elas não somos nada, somos corpos sem essência.

Foi por curiosidade que me inscrevi num projeto Erasmus+. Vi um post num grupo de Facebook, abri o link, preenchi o formulário. Fiz tudo um bocado sem pensar, nem reparei bem nas datas. E quando recebi o email a dizer que tinha sido selecionada, o entusiasmo durou pouco, logo veio o medo. E o clássico “porque é que sou sempre tão impulsiva?”

A verdade é que tive dúvidas até ao último segundo. E depois, já lá, houve momentos em que me fui mesmo muito abaixo. Estive longe de casa, de tudo o que me é familiar, da minha zona de conforto, com pessoas que nunca tinha visto na vida, no meio de um projeto sobre o qual o tema - “Mind Over Media” - era importante e atual - cibersegurança, redes sociais, perigos associados ao mundo digital, ter espírito crítico relativamente àquilo que vemos nas redes sociais e nas notícias - mas um tema sobre o qual eu pouco sabia. Mas hoje sei que o que se aprende num projeto como este não vem apenas do tema do projeto, mas sim da convivência, do desconforto, da escuta, do silêncio.

Foram nove dias num antigo convento, numa pequena vila húngara chamada Brodogkeresztúr, com pouco mais de 1000 habitantes, a cerca de 220km de Budapeste. Éramos cinquenta pessoas de seis países diferentes. Pessoas com histórias, hábitos e formas de pensar que não podiam ser mais diferentes das minhas. Nem toda a gente era incrível - aliás, houve pessoas que não estavam lá para o mesmo que a maioria, e acabaram por estragar certas dinâmicas, por não estarem abertos - mas essas também me ensinaram. Porque viver em grupo, com tudo o que isso traz, fez-me crescer. Fez-me olhar para mim de fora e perceber: “ok, afinal isto mexe comigo”, ou “afinal não sou tão aberta quanto pensava”. Foi um choque constante.

Percebi que preciso de tempo sozinha, e parar para assimilar e refletir, mesmo quando estou a gostar das pessoas à minha volta. Que estou num constante esforço para agradar, mesmo quando estou cansada. E que às vezes estar em silêncio é a melhor forma de cuidar de mim - e dos outros. Percebi que, apesar de estar sempre a tentar agradar, não posso estar sempre a dar, nem sempre a sorrir, nem sempre a encaixar, porque esse esforço constante de colocar uma máscara vai me deixar ainda pior comigo mesma no final do dia. Mas também percebi que gosto mesmo de pessoas: de as ouvir, das conversas em que já não há filtros às 2 da manhã, da partilha entre culturas, dos momentos em que falamos de vida como se nos conhecêssemos há anos, mesmo só tendo trocado duas ou três palavras no primeiro dia. E é isso que marca - a capacidade de nos ligarmos, mesmo sem história, mesmo sem garantias, mesmo sem, aparentemente, nada em comum.

Voltar foi estranho. É como se deixássemos uma parte de nós lá atrás, e trouxéssemos outra que ainda não sabemos bem como encaixar aqui. Voltei a casa, ao quarto igual, às rotinas de sempre, às pessoas de sempre, só que eu já não era bem a mesma. Seria um exagero dizer que esta experiência “mudou a minha vida”, mas com certeza que me mudou a mim, e à forma como me vejo. Mas claramente que ninguém à minha volta fazia ideia do que é que tinha mudado. E há também uma solidão silenciosa neste regresso. Porque estou agradecida pelo que vivi, mas ao mesmo tempo sinto falta do sentimento de estar num grupo de pessoas que, mesmo por não conhecer mas partilhar, de repente, se tornou

importante para mim. É um tipo estranho de saudade, porque não é só das pessoas, é da versão de mim que existiu ali. Da leveza, da liberdade, até do caos. Ainda assim, há uma beleza enorme em tudo isto. Porque, sem querer ser lamechas, percebi que ao deixarmo-nos tocar, abalar, aprender, faz-nos sentir vivos, e sentir que a nossa existência é real e que não é em vão - e é isso que vale a pena. Por mais estranho que seja voltar, por mais vazio que fique, é sinal de que saímos, que arriscámos e que vivemos.

Esta experiência fez-me perceber que viver a curiosidade não é meramente querer saber mais sobre os outros ou sobre o mundo. É ter coragem de sair do nosso lugar, pormo-nos no lugar do outro, e aprender a habitar aí também. Curiosidade é fazer coisas sem saber muito bem porquê, é entrar num avião com dúvidas, e voltar com outras muito maiores, mas desta vez mais ricas e mais nossas.

Claro que não foi tudo bom, houve dias em que só queria voltar para Lisboa, mas é mesmo por saber que não foi fácil que digo: vai, agarra a oportunidade, lida com o medo. Acima de tudo, sai da bolha em que vives. Há que viver e aproveitar, senão, como diria Fernando Pessoa, somos meros “cadáveres adiados que procriam”.